

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras



28 de Março a 10 de Abril de 2017 | Nº 131 | Ano V • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

GRAFITOS NA ALMA

Pág. 11 e 12



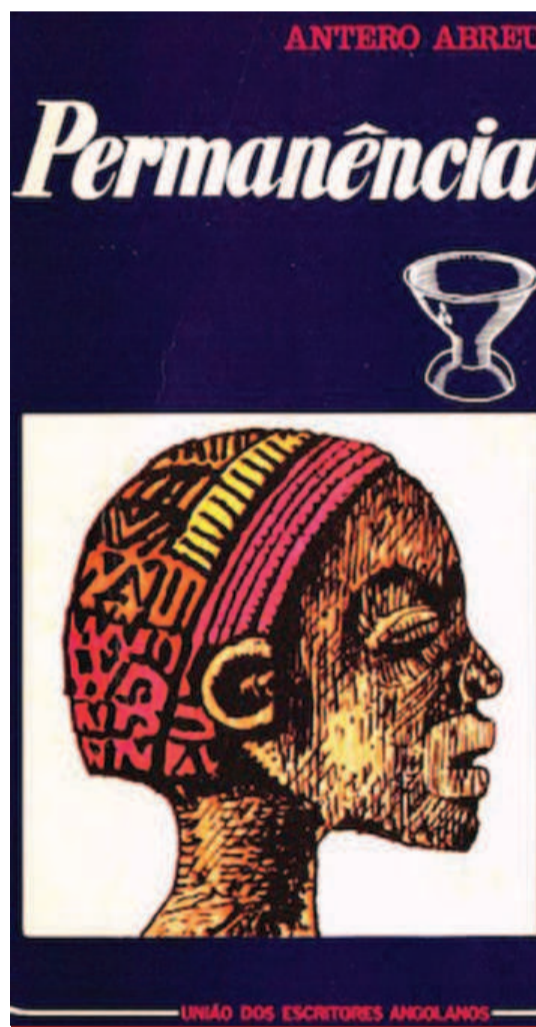
DILÊMBE: O PENSAMENTO POLÍTICO DE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS

Quando nasceu o cidadão José Eduardo dos Santos, foi-lhe dado o nome de "Viajante" pelo seu irmão mais velho, o nacionalista Avelino dos Santos. No dicionário de Óscar Ribas, Lêmba ou Dilêmba é o nome da divindade que se dá a uma criança que nasce nas condições de "viajante". A visão política historicamente instituída pelo Estadista José Eduardo dos Santos caracteriza-se pela permanente celebração da Paz para garantir a integridade simbólica de Estado Nacional com Segurança. Este estrutura-se na concorrência dialógica entre diferentes capitais humanos que almejam o compromisso económico de produzir riquezas, em busca da prosperidade interna e na gestão de boa-vizinhança.

LETRAS

Págs. 5 e 6

A PERMANÊNCIA DE ANTERO DE ABREU



Deixou de falar poesia viva desde 15 de Março de 2017 o poeta Antero de Abreu. Fica connosco a sua voz já dita nos versos de A tua Voz Angola (1978), Poesia Intermitente (1978) e Permanência (1979), poesia de um dos escritores mais ligados à mentalidade formadora dos autores da revista Mensagem, no dizer de Francisco Soares, para quem a lírica de Abreu "revela um sentido do ritmo (rima) diferente do dos seus companheiros, bem como uma intensificação e uma variedade maiores no uso dos recursos retóricos e nas relações intertextuais que constrói."

LETRAS

Pág. 7

"E ASSIM VIVI BENGUELA!" DESAFIOS DA ESCRITA DE UMA INCIANTE

Escrever sobre Benguela é sempre um desafio para qualquer autor, em especial quem esteja a dar os seus primeiros passos na literatura, como Maria do Rosário Bragança. Depois de ler o seu livro de estreia, "E assim vivi Benguela! Fragmentos de uma Vida", é preciso felicitar a autora pela envolvimento das suas palavras, numa linguagem simples e directa.



ECO DE ANGOLA

Págs. 3 e 4

A IGREJA DIGNIFICA A PRÁTICA DOS VALORES MORAIS

"A Igreja tem uma importante palavra a dizer, no sentido do reforço daquilo que é o bem comum, daquilo que são as nossas comunidades e daquilo que é a nossa Pátria comum. O CICA, a Aliança Evangélica e a Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, em conjunto, vêm contribuindo para a dignificação do sentimento comunitário e para o reforço dos valores morais, que registam grande quebra neste período de crise económica que atravessamos", defendeu a ministra da Cultura, Carolina Cerqueira na celebração do 40º aniversário do Conselho das Igrejas Cristãs em Angola (CICA), em Luanda, aos 26 de Fevereiro de 2017.



POEMAS DE ALFREDINA VENTURA



Makas

Pai violão
Ngombidi

Três emudecidas meninas
no silêncio da casa
aos gritos

Denúncia do alheio
mortes na boca
caso encerrado
acabaram-se as virgens

28.11.16

Amor a amar

Naufrago no mar do amor
preencho o vazio
com as verdes algas do ego

Reluzentes conchas invadem
as cristalinas águas do mais profundo
sorriso
rasgado
no semblante da alma

Cantam os golfinhos
o assobio vermelho do amor
silenciosas cegonhas a voarem...
Ilusão do mar
de amor!

14.10.16



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido

com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 131/Ano VI/ 28 de Março a 10 de Abril de 2017

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Adriano de Melo

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Alfredina Ventura, António Fonseca, Carolina Cerqueira, Dom Afonso de Sá, F. Tchikondo, Gildo Pimentel, Marcelino Queta, Mário Araújo, Mário Pereira, Patrício Batsíkama, Raphir Ferreira, Tomás Queta

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

As aventuras da AlfredinaOrnelas Ventura nascem em Luanda-Angola, em 1983. Aventurou-se em Gestão de Recursos Humanos e licenciou-se em Angola, em 2011. Fez aventura em Psicopedagogia Clínica Empresarial, em Pós Graduação na Católica Virtual. Flutua aventuradamente como professora de alguns cursos técnico-profissionais.

CAROLINA CERQUEIRA, MINISTRA DA CULTURA

IGREJA PROMOVE O SENTIMENTO COMUNITÁRIO E DIGNIFICA A PRÁTICA DOS VALORES MORAIS

O Conselho das Igrejas Cristãs em Angola assinala 40 anos de existência, num momento em que se discute no nosso país o papel que as denominações religiosas devem desempenhar, em prol da assistência aos mais necessitados e do processo de inclusão social que deve envolver todos os actores da nossa sociedade, incluindo aqueles que pertencem à sociedade civil. O lema da comemoração "CICA pela unidade, construindo a Igreja em Angola" é apelativo, de modo que pretendo, antes de mais, destacar o importante papel que o Conselho das Igrejas Cristãs em Angola tem jogado na manutenção da estabilidade e da harmonia social na sociedade angolana.



das Igrejas filiadas no Conselho.

Durante o longo período de guerra que o nosso país viveu, as Igrejas desempenharam um papel de aproximação entre os angolanos que estavam então divididos por razões de natureza política e ideológica. E o papel do CICA foi ainda mais fulcral, se considerarmos o facto de a maioria dos angolanos serem cristãos.

Com o alcance da paz, em 2002, era preciso ocuparmo-nos da pacificação dos espíritos e da harmonização entre as diferentes sensibilidades e as diferentes opções políticas. Todos nós reconhecemos que as Igrejas Cristãs sempre souberam cumprir o seu papel espiritual e social, enquanto entidades cuja missão fundamental é garantir a estabilidade emocional dos fiéis e encaminhá-los no rumo socialmente correcto, de contribuição para o progresso e para o pleno funcionamento das instituições sociais, onde incluímos no centro a família.

A família é a unidade fundamental para a estabilidade e a harmonia social, razão pela qual é enorme o papel da Igreja no quadro da manutenção do bem-estar social e do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana.

Outras áreas em que o CICA vem intervindo de forma eficaz são as da educação, da saúde e da assistência social. Neste quadro, quero destacar a criação dos Centros de Formação e Cultura na província de Luanda, a criação de Estudos de Teologia e Cultura em Benguela (hoje transformados no Centro Ecuménico do Lobito) e a criação do Centro Ecuménico de Desenvolvimento Rural na província do Huambo. Destaca-se também a atribuição de bolsas de estudo destinadas a jovens órfãos e de famílias vulneráveis, fiéis das Igrejas filiadas no Conselho.

No que diz respeito ao sector da saúde, realço as acções de reabilitação e fornecimento de medicamentos aos postos de saúde, centros de saúde e hospitais

nos preocupar mais com os bens comuns, com aquilo que faz parte da propriedade comum. Temos de procurar ser menos indivíduos e mais cidadãos. Temos de aprender a partilhar mais. Temos de contribuir mais decisivamente para a construção da Nação e para o reforço do sentimento patriótico e dos valores morais, incluindo o amor ao próximo. A Igreja tem uma importante palavra a dizer, no sentido do reforço daquilo que é o bem comum, daquilo que são as nossas comunidades e daquilo que é a nossa Pátria comum. O CICA, a Aliança Evangélica e a Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, em conjunto, vêm contribuindo para a dignificação do sentimento comunitário e para o reforço dos valores morais, que registam grande quebra neste período de crise económica que atravessamos.

No caso concreto do Conselho das Igrejas Cristãs em Angola, demos conta no ano passado, do lançamento do Plano Estratégico 2016-2020, que visa implementar a nova visão e a missão do CICA, até ao ano 2020.

Podemos acrescentar que, ao nível da África Austral, o CICA foi indicado em Novembro de 2016, em Abuja (na República da Nigéria), como membro do Comité Inter-Religioso da União Africana, aquando a realização do 2º Fórum de Diálogo Inter-Religioso da União Africana, em que Angola participou com uma representativa delegação, sob iniciativa do Ministério da Cultura. Expresso publicamente as nossas felicitações por tão grande conquista.

A maior actividade que vamos realizar este ano, em Angola, é o processo eleitoral, que vai determinar que programa de governo vai ser sufragado para os próximos cinco anos.

Por essa razão, vamos aqui apelar-vos a duas coisas. Em primeiro lugar, vamos pedir-vos para que os vossos fiéis façam a actualização do registo eleitoral, até final do mês de Março. O registo eleitoral é obrigatório, de modo que todos os angolanos adultos devem fazer tal registo ou actualizá-lo nos próximos trinta dias.

O segundo pedido que venho aqui fazer está relacionado com a necessidade de cada fiel participar de facto no processo eleitoral. Cada um deve realmente exercer o seu direito de voto, de forma tranquila, consciente e responsável.

Mas não devemos consentir que aquelas agremiações que proíbem os seus fiéis de votar continuem a ser consideradas denominações religiosas. Tal como referem as Sagradas Escrituras, "a César o que é de César, a Deus o que é de Deus". Quer isso dizer que os fiéis devem respeitar as leis estabelecidas pelos competentes órgãos do Estado, sendo cidadãos activos e exemplares.

O papel das denominações religiosas é também levar os seus fiéis a participar da gestão da coisa pública. E isso faz-se, antes de mais, tomando parte dos diferentes processos eleitorais que se realizam no país. Vamos, pois, denunciar aquelas denominações que não cumprem este seu papel, dificultando a acção cidadã dos seus fiéis.





A MULHER E A ESTABILIDADE SOCIAL

Sendo eu uma das mulheres que integram o Executivo angolano, não posso deixar de mencionar o facto de o Conselho das Igrejas Cristãs em Angola ter agora uma mulher a assumir o cargo de Secretária-Geral.

É um orgulho e uma honra para nós mulheres, e para todos nós angolanos, termos a Reverenda Deolinda Teca a dirigir este fórum.

Envio desta tribuna um forte abraço a todas as mulheres angolanas que contribuem para a estabilidade e a coesão das famílias e para o progresso do nosso país, o que comprova que a mulher angolana é efectivamente o suporte da sociedade e o orgulho da Nação Angolana.

Saúdo efusivamente os 40 anos de

actividade do Conselho das Igrejas Cristãs em Angola.

Termino, apelando a cada um para cumprir com zelo e dedicação a sua missão e o seu papel, de modo que as nossas instituições funcionem devidamente e o Estado angolano possa colocar-se em patamares mais altos nas diferentes esferas de actuação e que, no dia a dia, saibamos sempre elevar e defender o interesse nacional, por um futuro próspero e pacífico para as gerações vindouras.

(Edição do discurso da ministra da Cultura por ocasião do 40º aniversário do Conselho das Igrejas Cristãs em Angola (CICA), em Luanda, aos 26 de Fevereiro de 2017)

A PERTINÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO DIREITO

No passado dia 3 de Março, aconteceu o acto oficial de abertura do ano académico de 2017, que decorreu na cidade de Caxito.

Esta costumeira cerimónia sublinha a importância que o Executivo confere ao sistema de ensino, enquanto mola impulsora para a formação do cidadão íntegro e participativo na edificação e consolidação de uma sociedade que se almeja uma e próspera.

Tendo ocorrido numa ocasião em que os professores arregaçam as mangas para porem mãos à obra interminável da transmissão de conhecimentos e de valores aos formandos, o evento comemorativo acicatou, em nós, a reflexão sobre os conteúdos programáticos que enformam o ensino universitário.

A este propósito, demos connosco a recordar este caricato episódio vivenciado numa das idas à praia. Refastelado no toalhão de turco, íamo-nos deleitando com as peripécias fruídas do romance *Se o Passado Não Tivesse Asas*, de Pepetela. Num dado momento, fomos assaltados pela conversa animada entre dois jovens sentados a alguns metros.

Eram estudantes universitários,

perspectivando o novo ano académico. Da essência da cavaqueira, registei o facto de serem alunos do 3º ano do Curso de Direito. Desse registo, apavorou-me a constatação de esses alunos não dominarem a diferença entre julgamento; sentença e veredicto. Para aqueles discentes, prestes a iniciar o 4º ano, aqueles conceitos são sinónimos!

Claro que, como docente da disciplina de Português Jurídico, sentimos logo uma vontade indómita de saltar do toalhão e ir ter com eles para desfazer o equívoco, mas a prazerosa narrativa romanesca disso dissuadiu-nos.

Esta inusitada ocorrência promoveu, em nós, a reflexão sobre a fundamentalidade do ensino da Língua Portuguesa no Curso de Direito. Efectivamente, o jurista, após o percurso académico, terá de fazer uso do português, nomeadamente, na escrita de textos jurídicos; apresentação de temas de especificidade causídica; interpretação de legislação diversa, na construção de peças processuais e não só.

Aquiesça-se, por exemplo, que as normas de disciplinas associadas são plasmadas em leis, que só se tornam obrigatórias depois de publicadas no jornal oficial. Ora, a publicitação em jor-

nal oficial exige uma redacção eivada de clareza, consistência, comunicabilidade e precisão para que os utilizadores das leis as interpretem segundo (e seguindo) o espírito do legislador.

Daqui decorre que, no Ensino Superior, o programa de Português para os discentes da Licenciatura em Ciências Jurídicas deve contemplar, também, o domínio de técnicas de composição de vários tipos de textos; o ensaio de escrita com correcção linguística, isto é, coesão e coerência textuais e, incontornavelmente, a semântica de termos jurídicos (que parece faltar àqueles jovens).

Outrossim, face à obrigatoriedade de o jurista dominar a técnica de argumentação (escrita e oral), deverá possuir uma capacidade de comunicação verbal que lhe permita ser compreendido pelos consumidores de direito. Com efeito, no desempenho da sua actividade profissional, o advogado tem de ser exímio na captação da benevolência de quem lê os seus textos ou ouve os seus argumentos; para o efeito, deve ser detentor de uma apurada retórica.

Tal como se atetasse prepararam para provas de competição, os alunos de Direito devem ser treinados para a competência de falar ao público. É o que a



MÁRIO ARAÚJO

cadeira de Português Jurídico potencia ao disponibilizar um conjunto de normas linguísticas que fazem com que os estudantes comuniquem com clareza e contundente, exponenciando neles a capacidade de persuasão.

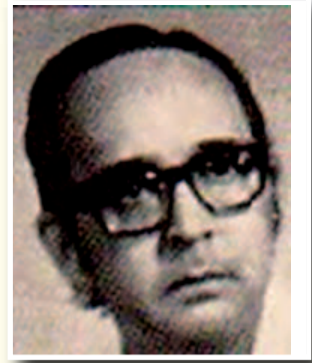
Como tudo na vida que é bem feito, este processo de formação de bons advogados é moroso, pelo que não se pode queimar etapas. Pelo contrário, os discentes de Direito devem ensaiar o português de forma redundante e consolidada.

É por isso que defendemos o ensino da língua de Camões nos cinco anos que compõem o plano curricular do Curso de Direito. Este apelo faz sentido principalmente quando se constata que há estabelecimentos do Ensino Superior que não contemplam a Língua Portuguesa no plano de estudos desta Licenciatura!

Com esta realidade, como me admirarei que os jovens banhistas não soubessem a diferença entre os referidos conceitos?



A PERMANÊNCIA DE ANTERO DE ABREU



Deixou de falar poesia viva desde 15 de Março de 2017 o poeta Antero de Abreu. Fica connosco a sua voz já dita nos versos de *A tua Voz Angola* (1978), *Poesia Intermitente* (1978) e *Permanência* (1979), alguns dos quais transcrevemos no final deste artigo em memória do vate angolano.

Antero de Abreu é considerado por Francisco Soares um dos escritores mais ligados à mentalidade formadora dos autores da revista *Mensagem*. A sua lírica “revela um sentido do ritmo (rima) diferente do dos seus companheiros, bem como uma intensificação e uma variedade maiores no uso dos recursos retóricos e nas relações intertextuais que constrói.” Sobre os poemas escritos na época do liceu, este crítico diz que: “eram os únicos a revelar uma amadurecida absorção do verso e da estrofe modernistas.”

A TUA VOZ ANGOLA

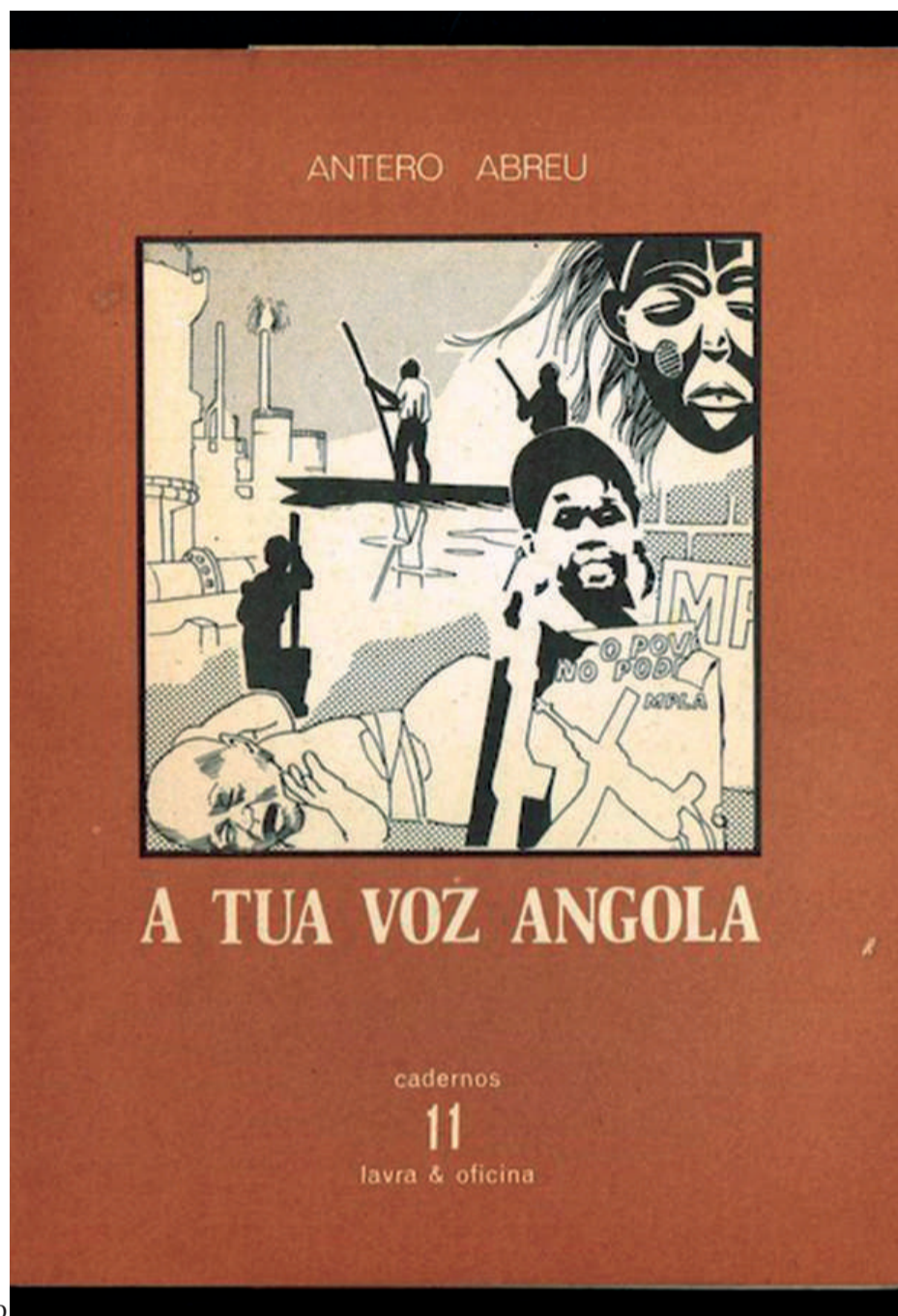
Nos tribos
E assobios
Dos pássaros bravios
Ouço a tua voz Angola.
Dos fios
Esguios
Em arrepios
De mulembas sólidas
Escorre a tua voz Angola.
Nas ondas calemas
Barcos e velas
Dongos traineiras
Âncoras e cordas
Freme a tua voz Angola.
Em rios torrentes
Regatos marulhentos
Lagoas dormentes
Onde morrem poentes
Brilha a tua voz Angola.
No andar da palanca
No chifre do olongo
No mosqueado da onça
No enrolar da serpente
Inscreve-se a tua voz Angola.
No acordar dos quimbos
Nos cúmulos e nimbos
Nos vapores tímidos
Em manhãs de cacimbo
Flutua a tua voz Angola.
Na pedra da encosta
No cristal de rocha
Na montanha inóspita
No miolo e na crosta
Talha-se a tua voz Angola.
Do chiar dos guindastes
Do estalar dos braços
Do esforço e do cansaço
Emerge a tua voz Angola
No ronco da barragem
No camião da estrada
No comboio malandro

Nos gados transumantes
Ecoa a tua voz Angola.
Dos bongos e cuícas
Concertinas apitos
Que animam rebitas
Farras das antigas
Salta a tua voz Angola.
A flor da buganvília
A rosa e o lírio
Cachos de gladiolos
O gengibre e a cola
Perfumam a tua voz Angola.
Ouve-se e sente-se e brilha
A tua voz Angola
Inscreve-se nos seres talha-se nas rochas
A tua voz Angola
Vai com o vento goteja com o suor
A tua voz Angola
Por toda a parte por toda a parte
A tua voz Angola
Que voz é essa tão forte e omnipresente
Angola?
Que voz é essa omnipresente e permanente
Angola?
É a voz dos vivos e dos mortos
De Angola
É a voz das esperanças e malogros
De Angola
é a voz das derrotas e vitórias
De Angola
É a voz do passado do presente e do porvir
De Angola
É a voz do resistir
De Angola
É a voz dum guerrilheiro
De Angola
É a voz dum pioneiro
De Angola.

(A Tua Voz Angola)

AQUINÃO HÁ ESPERANÇA

Aqui não há esperança
 Aqui é tudo espesso igual e morno
 Até onde a vista alcança
 Ó sombras do caminho
 Nada se define em torno
 Aqui tudo são brumas
 Movediço e ilusório
 O que se vê são sombras não as árvores
 São imagens não as coisas
 E as estrelas após tantos mistérios
 Ainda são almas em sonhos merencórios
 Tudo aqui é uniforme.
 Onde se apalpa
 Sente-se o decompor dos corpos mortos
 E a cada passo - uma barreira
 E a cada luz - um véu de trevas
 E em cada bússola os ponteiros tortos
 Na luta somos desiguais
 No amor somos mentiras
 Na vida somos estéreis
 Se temos coração
 É para o rasgarmos dia a dia em tiras
 (Ó lobos dos caminhos
 Fauces de angústia em ânsias de apetite
 Comei-nos a boca e os braços
 Imolai-nos de vez à vossa fome
 E uivai depois felizes aos espaços)
 Aqui tudo é dúbio e vacilante
 Num chão de trincheiras os espectros
 Andam fugindo de ódios que os corroem
 Claras bandeiras de matizes claros
 Refugiam-se nas sombras por que doem
 Tudo aqui se amortalha nos mistérios
 Borbotões de vida que cessaram
 Dão passo à serenidade
 Caiada e estéril dos cemitérios
 Tudo o que se come tem sabor a mastigado
 Tudo o que se ouve é como já ouvido
 O presente é um fruto descascado
 E o futuro é um canto repetido
 Andam os répteis a banhar-se em luz
 Andam morcegos a comer os fogos
 Aninham-se sapos em doçuras moles
 E andam as almas a acalantar malogros
 (Lobos dos pinhais de fauces tenebrosas
 Vinde roer-nos o olhar e a mão
 Vinde matar-nos e uivar contentes
 À serenidade do tempo na amplidão)
 Tudo aqui é derrota sem batalhas
 Tudo aqui é um rugir de reses
 Tudo aqui são pálidas mortalhas
 A fingir de cotas e a fingir de arneses
 Andam flores a desabrochar para quê?
 Para que andam aves a voar no vale?
 Para que andam trigos a doirar ao sol?
 Para que brilha na parede a cal?
 Sonhos de sonhos a subir alados
 Trémulas mãos a tactear os pomos
 E enforcados
 Secam na árvore os apetecidos gomos
 Deitam-se as redes mas o mar é sóbrio
 Olha-se a lua mas a lua é morta
 Cravam-se os cravos mas o casco é inútil
 Bate-se a aldrava mas não se abre a porta
 Tudo aqui é tranquilo como os mortos
 Tudo aqui é sonâmbulo e vencido
 Tudo aqui é cavo como um sorvo
 Imóvel como um olhar estarecido
 (Ó lobos dos caminhos
 Que a fauce negra entreabris lasciva
 Vinde seguros acabar connosco
 E uivar alegres à eternidade altiva)
 E não nos dêem uma alma
 Para que sobreviva.

(Permanência)

Antero Alberto Ervedosa de Abreu nasceu na cidade de Luanda, em 22 de Fevereiro de 1927.

Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda, tendo concluído o liceu nessa cidade. Partiu em seguida para Portugal para estudar direito, primeiro em Coimbra e posteriormente em Lisboa, onde terminou o curso.

Enquanto estudante em Lisboa foi dirigente da Casa dos estudantes do Império - CEI.

Após a sua formação regressou ao país e exerceu advocacia em Luanda tendo sido, durante o tempo colonial um profuso activista no incremento associativo e cultural de Luanda, destacando-se particularmente a sua actividade no Departamento cultural da Associação dos Naturais de Angola - ANANGOLA e na Sociedade Cultural de Angola onde, para além da sua colaboração literária, esteve ligado à actividade do Cine-Clube, tendo-se tornado um crítico de cinema atento, lúcido e observador.

Fez parte da lista de advogados que defendeu presos políticos em Angola, nos vários processos que se foram sucedendo.

Publicou os seus primeiros poemas no Meridiano, Boletim da Casa dos Estudantes do Império em Coimbra. Possui poemas e contos publicados em diversas revistas e páginas literárias, nomeadamente: Mensagem (CEI), Via Latina, Mensagem (ANANGOLA), Cultura (II), ABC, A Província de Angola, Itinerário, Vértice, e outras mais.

Possui igualmente textos publicados em antologias, nomeadamente: Antologia Poética Angolana (1950), Poetas Angolanos (1959), Antologia Poética Angola (1963), Mákuá, III (1963), No Reino de Caliban. Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa, Poesia de Angola (1976), Entre a Lua, o Caos e o Silêncio, a Flor (1976).

Foi o segundo Procurador-Geral da República Popular de Angola e exerceu durante vários anos, as funções de Embaixador de Angola em Itália. É membro fundador da União dos Escritores Angolanos e da Academia de Letras e de Ciências Sociais.

“E ASSIM VIVI BENGUELA!” OS DESAFIOS DA ESCRITA DE UMA “INICIANTE”

ADRIANO DE MELO

Escrever sobre Benguela é sempre um desafio para qualquer autor, em especial quem esteja a dar os seus primeiros passos na literatura, como Maria do Rosário Bragança. Depois de ler o seu livro de estreia, “E assim vivi Benguela! Fragmentos de uma Vida”, é preciso felicitar a autora pela envolvimento das suas palavras, numa linguagem simples e directa.

Se como escreveu o filósofo e autor chinês Lao Tsé “a jornada de mil milhas começa com um passo”, então Maria do Rosário Bragança tem um longo caminho a percorrer, ao qual deu início de forma positiva, numa história bonita sobre o seu crescimento nas ruas de Ombaka e da Fronteira.

Com experiência e maturidade, adquiridas através da educação familiar e a escola, a autora propõe a cada um dos seus leitores uma viagem pelo descobrimento, num texto repleto de mensagens “nas entrelinhas” e críticas ao actual modernismo e comodismo dos jovens, mais apegos as novas tecnologias do que aos ensinamentos dos “cotas”.

O desafio da autora é que os leitores não vejam o livro, como apenas um relato sobre as “vidas de Benguela”, feitos na primeira pessoa, mas sim uma lição, construída por meio de uma história pessoal, para perpetuar testemunhos de uma época, que muito marcou toda uma geração. “São testemunhos da vida”, assim define Beatriz Teixeira no prefácio do livro.

Por isso e como disse uma vez o Nobel de Literatura de 1946, o escritor e pintor alemão Herman Hesse, “ler um livro é para o bom leitor conhecer a pessoa e o modo de pensar de alguém que lhe é estranho. É procurar compreendê-lo e, sempre que possível, fazer dele um amigo”. Este é o convite à amizade de Maria do Rosário Bragança.

A princípio acreditei que seria mais um livro sobre a história de Benguela, a “terra das acácias rubras”, tendo o bairro de Ombaka como partida. Mas depois temos a ideia de estarmos numa aventura pela infância e adolescência da autora, onde os ensinamentos, dados pelos pais, familiares, amigos e professores, ajudam a moldar o carácter.

“Hoje ... percebemos que afinal não fora um massacre, mas sim ... um legado, cujos frutos colhemos no nosso quotidiano”, escreveu. Os riscos da “modernice invasora” também são contestados pela autora, que mostra um pouco da realidade da Benguela dos anos 70.

Medos e alegrias, assim como a disposição de fazerem as coisas pessoalmente, com engenho e arte, são parte da sua aprendizagem, que constam do livro. As fantasias de Carnaval foram o exemplo apontado como parte deste seu património imaterial.

Captar o pulsar benguelense, num “livro que saísse directamente da ‘alma’ foi o desafio proposto. O ponto de largada para a escrita do livro é que deixa algumas dúvidas. Porém acredito que seja a “inesperada partida de mana Alice” a causa. “Cara Alice, daqui, desta tua partida, transportas-me para aquelas tardes de muitos domingos da minha meninice na praia Morena.”

Conhecer a “preciosa infância” da autora, da forma que é contada, em dez histórias, é um retrato de uma realidade aos poucos esquecidas pela nova geração, assim como da acentuada perda de valores.

Princípios como o amor ao próximo, aos professores, por serem os responsáveis pela educação de todos, a importância da família, na construção da personalidade, e o valor do emprego, no crescimento social de cada um, são valores patentes nas histórias.

Ao longo da narrativa a autora procura ainda explicar certos aspectos e deixar lições de altruísmo a juventude. A alegria de ter comprado uma bicicleta com o dinheiro do seu primeiro emprego, ou as “reguadas” entregues pelos próprios pais para os professores educarem os filhos caso se comportem mal, são pormenores “esquecidos” hoje, mas foram essenciais para toda uma geração.

“E assim vivi Benguela!” é também “uma lição para a geração mais nova”, porque a autora defende que “quando há empenho e profissionalismo se ultrapassam aqueles que estão mergulhados em excessos”.

Embora toda a história se centre em si é preciso realçar e como escreve a autora que “são mesmo as pessoas que contam, são elas que fazem a diferença, no ser, no estar, no agir, enfim, no modo de funcionar ...”



“Quem somos, senão o resultado da memória?”. Esta é a pergunta, que no final o leitor tem de responder. Mas peço “a mil flores”, como a chamava o “adepto desconhecido”, que mostre “se não dá nada” ou “é a melhor” na arte da escrita.

A autora

Maria do Rosário Bragança é natural de Benguela, onde passou a sua meninice e fez os estudos primários. Licenciou-se em Medicina em Luanda, na Faculdade de medicina da Universidade Agostinho Neto, em 1983.

Concluiu a especialidade de Neurologia, em 1997, em Lisboa, bem como o doutoramento em Medicina, na especialidade de Genética, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e Instituto Gulbenkian de Ciência, em 2010.

Docente universitária desde 1979, foi De-

cana, de 2011 a 2015, na Faculdade de Medicina da Universidade Katyavala Bwila, em Benguela. Em Julho de 2015 assumiu o cargo de Reitora da Universidade Agostinho Neto.

O seu trabalho “Susceptibilidade Genética à Malária Cerebral em Crianças Angolanas” ganhou dois prémios: o Pfizer 2010 em Investigação Clínica, atribuído pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, e o Prémio de Investigação Biomédica 2011, da Ordem dos Médicos de Angola. Em 2013 publicou, em co-autoria, o livro “Um Olhar sobre as Doenças Médicas na Gravidez - Casos Clínicos”.

Enquadrado na “Colecção Nzadi”, que traz textos de ficção narrativa e pertence da Mayamba editora, o livro foi apresentado pela primeira vez ao público, por Carlos Bragança e Albano Ferreira, na Administração Municipal de Benguela.

OKANDUMBA KAMI KATEME

(I)
Kandumba kenye nguma
Woso ukaminya uminya
Mwenyu wala ni menya
Ulengesa jinga okikuma!
(II)
Kandumba kami kaminya
Kwandala kwa muthu uzola
Dilonga dyabeta kudilola
Kala ngwingi yezala minya!
(III)
Ki kwala pata! O kandumba
Ni jhasa ku mbanji ye kya
Akadya mu mwanya, kukya
Kidi mwene, ki kindumba!
(IV)
O kandumba pe exi akadya
Dilonga dimoxi athu kitatu
Anga ni mafu anga ni katatu
Kazubu kutunda mu mabya!
(V)
Kandumba kami ngikadila
Kikale ni kitomo anga ni maku
Kibange kima, ki kwala waku
Kuma mala, exi, masakidila!

(VI)
Okandumba ketu kenye minya
Kenye kima kilembwesa muthu
Kukaminya mbata kaxanana athu
Mu kilunga kyalebe kya Kiminya!
(VII)
Kandumba kabeta o kufula kwoso
Mbata okuxikelela kwa fuba kwe
Kilombolola kudisanza kwetu we
Ufwisa nzala ni ikatelu ye yoso!
(VIII)
Kandumba ufwisa nzala mu mala
Kyoso mala ma mala ni ma ahetu
Akatambula asanguluka ni akwetu
Axikama kya mu dixisa dya sanzala!
(IX)
Okandumba kenye ndandu, kidi
Kenye kididi kya kukala, mbata
Ididi yoso, ila kuma ngimonabata
Ngala we ni kifwa kya mulangidi!
(X)
Okandumba uzongola ya kindele
Anga utopiyala okuzeluluka kwe
Mukonda udinanza kuma ngwe
Kuzelesa mukuthu kala mundele!



MÁRIO PEREIRA

O MEU FUNJE DE BATATA-DOCE QUENTE

(I) O funje de kandumba não tem inimigo/Quem o engole absorve/Vida com água/Que faz afugentar sempre o pecado!

(II) O meu funje de batata-doce não absorve/O querer de quem ama/Um prato que é o mais provado/Tal como o bagre repleto de espinhas!

(III) Não há dúvidas! O funji de batata-doce/Com folhas de feijão já a seu lado/É comido durante o dia, madrugada/É verdade, não é boato!

(IV) Dizem que o funji de batata-doce é comido/Um prato para três pessoas/Quer seja com folhas, quer seja com Katatu/Acabadas de sair das lavras!

(V) O meu funji de kandumba eu como-o/Quer seja com um garfo, quer seja com as mãos/Não faz mal, não há maldição/Visto que as entranhas agradecem!

(VI) O funji de batata-doce não tem espinhas/Não tem algo que impede alguém/De a engolir porque escorrega a gente/No caminho longo da Kiminya!

(VII) O funji de batata-doce é o mais gostoso, todo ele/Porque a negrura da sua fécula/Significa também a nossa saúde/Que faz matar a fome e toda a sua dor!

(VIII) O funje de batata-doce faz morrer a fome na barriga/Quando o abdómen dos homens e mulheres/O recebem alegres com os demais/Já sentados na esteira da sanzala!



(IX) O funje de kandumba não tem parente, vero/Não tem lugar para estar, porque/Afirma: "sou filho da casa onde quer que esteja""E tenho carácter de protector"!

(X) O funje de kandumba espreita o de fuba branca/E goza com a sua brancura/Porque se gaba que não quer/Clarear o corpo como a cor branca!

INSCRIÇÕES ABERTAS

LITERATURA INFANTIL DA LUSOFONIA EM CONCURSO

Reforçar a cultura entre os países membros da lusofonia, a partir da literatura, é o cerne do Concurso Lusófono da Trofa, que este ano volta a prestigiar os textos para crianças e todos os autores, em especial os ainda desconhecidos.

Considerado um dos concursos literários mais prestigiados e conhecidos entre os países lusófonos, o projecto procura, além de motivar a produção literária, defender e consolidar a língua portuguesa como expressão universal da cultura.

A promoção e salvaguarda da literatura infanto-juvenil e da cultura lusófona é outro dos objectivos do concurso literário internacional que inclui trabalhos de autores dos países de língua oficial portuguesa, nomeadamente Angola, Portugal, Brasil, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Timor.

Criatividade, inovação, qualidade literária, organização, coerência e coesão do texto e adequação ao público são os critérios que o júri irá avaliar em cada um dos trabalhos. O corpo de jurado é composto por dois grupos. Um primeiro para avaliar os textos pré-seleccionados e outro, final, que analisa os contoseleitos.

Caso os trabalhos não apresentem qualidade, o júri tem o direito de não atribuir o prémio. O regulamento do concurso estipula ainda que só são submetidos a análise os textos inéditos e qualquer indício de plágio é punível com a desqualificação do conto.

Realizado anualmente, o concurso foi reavaliado de forma a ser o mais abrangente e atrair mais candidatos. Este ano a organização reviu os valores

dos prémios, assim como deu mais espaço a categoria Ilustração, face à qualidade e quantidade de trabalhos apresentados nas últimas edições. Em paralelo, o Prémio Lusofonia também foi reforçado, para aumentar o incentivo aos escritores que pretendam participar.

Actualmente, o Prémio Matilde Rosa Araújo tem o valor de 2.000 euros, o Lusofonia está orçado em 1.000 euros e o Ilustração ascende agora aos 1.500 euros. As obras devem ser enviadas, sob pseudónimo, até ao último dia útil de Maio de 2017, nas sedes do Centro Cultural Português nos países lusófonos.

Os vencedores do concurso, que já é considerado uma referência internacional na área da literatura e da criação e expressão literária em português, são conhecidos em Novembro. O projecto procura ainda divulgar mais os autores de língua oficial portuguesa.

Cada um dos candidatos deve ter em conta que os contos são apresentados em folha A4, podem ter ou não ilustrações e o limite de páginas não deve exceder as dez. Os textos são entregues em dois envelopes, um com o original e seis cópias outro com um CD contendo o trabalho em formato Microsoft Word e as indicações pessoais do candidato. A organização pede ainda a maior descrição possível dos concorrentes. O recurso ao pseudónimo é um dos pedidos. Nas folhas do trabalho não pode constar qualquer indicação sobre o concorrente, sob pena deste vir a ser excluído.

Organizado pela Câmara da Trofa o concurso tem o apoio do Instituto Camões.



República Portuguesa



República Federativa do Brasil



República de Cabo Verde



República da Guiné-Bissau



República Democrática de São Tomé e Príncipe



República de Angola



Timor Leste (observador)



República Popular de Moçambique

**“A Literatura se alimenta de Literatura.
Ninguém pode chegar a escritor se não foi
um grande leitor.”**

José Luandino Vieira



VOZES NOVÍSSIMAS

Crónica de Raphir Ferreira

ATALHO AO FIM DA RUA

É só mais uma, é longa e está cheia de gente, é igual a todas as outras, mas é totalmente diferente. É longa, está cheia de gente e até está asfaltada, o que por aqui é meio surpreendente, mas não é isso que a faz diferente. É só mais uma rua como tantas outras que há na cidade, porém mais longa e dolorosa de atravessar do que todas as outras, supostamente há quem nunca chegou ao fim dela, e está cheia de gente; os condutores que levaram almas a atravessarem-na sabem-na perversa e a vêem bela, porque os favorece, abastam-na de almas distinguidas por um carácter que foge aos seus e assistem sorridentes os couros lá deixados sem nunca lá terem posto os seus. Suposto era ser mais uma rua, mas de tantas almas que residem nela e

em cada alma um ideal, e em cada ideal um mundo, tal rua, acabara por ser um mundo formado por um contraste de mundos, e tal mundo convertera-se numa prisão em que as grades são o ideal que celulifica a essência que lhe fez o que é. Os encarcerados percorrem-na com certeza nesciada em busca de liberdade, vendados por própria arrogância que não os deixa ver que se condenam mais, com passos marcados para trás a um só pé. Obcecados em ser livres, perseguem em ideal quem os aprisionou, esquecendo-se do que são, restando assim o que também são, evoluem cada vez mais como prisioneiros e apenas como prisioneiros, como moradores deste mundo e apenas como moradores. Há que perceber que não obstante ter sido aprisionado neste mundo, não há outro detentor da chave para a sua liberdade, para o atalho ao fim da rua, apenas os próprios, apenas os encarcerados a têm, não os “encarceradores”.

Poema de F. Tchikondo

AMIGO, PRECISO CHORAR

Não sei como explicar
Esta dor me sacode
e não consigo parar.
Por favor me acode,
Minha estrutura vai desabar.

Amigo preciso teus ombros
P'ra me tirar dos escombros.

Ai meu Amigo do peito
Tua lealdade eu respeito
Sem nenhuma falsidade.
No silêncio do teu olhar
Enxergas toda a verdade
Assim é a nossa amizade

Eu sei meu grande amigo
Que sempre estás comigo.
Porque temos um lema,
P'ra hora do problema:

Dos amigos não esperamos
Que nos façam explicar
Cada lágrima que choramos,
Mas que saibam interpretar
Cada silêncio por gritar
Cada mágoa lamentada
E cada revolta silenciada

Este é o nosso lema
Na hora do problema

4/2/17

Três Poemas de Dom Afonso de Sá

Amigo

Roubaste os meus poemas
aqueles que em letras
maiúsculas escrevi.

Roubaste o poema
que até em hebraico escrevi,
sem escarros de sangue,
nem sons de guerra

Roubaste aquele poema
que os cegos poderiam escutar
o som de cada sílaba
aquele poema que tem
o bater do vento

Outros poderão sentir
a dor que faz dele poema
outros poderão encontrar
na tinta do seu sofrimento
a razão do teu existir...

Roubaste aquele poema
que tem a sagrada esperança
suplicando amor
num templo de sangrado

Roubaste o poema da minha mocidade
naquele poema tem o ultimo verso
com quem confidencie
no silêncio da noite

O poema
que a minha avó, gostaria de ler
e os meus irmãos, os meus dois irmãos
queriam tanto escrever, mas não
sabiam...

Aquele poema tem os verso
escrito com lagrimas e sangue
não hás – de publicar,
não saberás o sentido
das sílabas.
São meus.

Pétalas africanas

As pétalas da minha terra
São lindas de infinitos encantos

No meu quintal,
tenho pétalas de várias cores
pétalas novas... pétalas velhas...
com elas eu confidenciao.

Elas não se vendem
pela fome, nem pela miséria
são cheias de beleza e encanto

Conheço cada uma pela expressão
esperançosa do seu rosto
a elas damos valor,
carícias... amor...

As pétalas da minha terra
já mais serão baralhadas,
secas e feridas...

Todos cuidamos delas,
até os vizinhos!
elas são a razão da
nossa existência...

Aquelas pétalas
são inconfundíveis
elas abrem – se sorrindo
para as ruelas da vida.

O poema

Não é este o poema
que lateja no meu pulso
que tem a música dos teus passos

Não!
Não é este...
o poema escrito em silêncio
com parágrafos de sangue

Ainda não é este!

O poema que tem
os versos trajados de tristeza
que te interpelam a cada passo

O poema dos que partiram,
para às ilhas de S. Tomé
agrilhoados.

O poema do nosso romance
da nossa reconciliação
da tua sobrevivência
contristado.

Ainda não é este!

O poema que trago
das estações sofridas
para alisar em teu rosto enrugado
o cansaço da esperança

Não é este...

O poema comprado com a dor
de cada uma das feridas do meu corpo
em cada roça que passei, perfuma-
do de tristeza.

Dom Afonso de Sá, pseudónimo literário de Gaspar Domingos José, nasceu a 10 de Setembro na Banga Província de Kwanza Norte. Estudante de economia na universidade católica de Angola Ucan. Escreve poesia desde muito cedo é membro do movimento Lev'Arte desde Novembro de 2008.

DILÊMBE: O PENSAMENTO POLÍTICO DE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS



PATRÍCIO BATSÍKAMA

Introdução

Quando nasceu o cidadão José Eduardo dos Santos, foi-lhe dado o nome de “Viajante” pelo seu irmão mais velho, o nacionalista Avelino dos Santos. O verbo “viajar” se diz “lembeka” em kimbundu (Maia, 2010:668). No dicionário de Óscar Ribas, Lêmbe ou Dilêmbe é o nome da divindade que se dá a uma criança que nasce nas condições de “viajante” (Ribas, 2014: 130). Na antropologia, Dilêmbe ou Lêmbe “relaciona-se com os espíritos da terra devendo assegurar a paz e a fecundidade dos lares, a protecção dos guerreiros, etc.” (Parreira, 2015:137).

Conceito

Definido dilêmbe como a visão política historicamente instituída pelo Estadista José Eduardo dos Santos. Ela caracteriza-se pela permanente celebração da Paz para garantir a integridade simbólica de Estado Nacional com Segurança. Este estrutura-se na

concorrência dialógica entre diferentes capitais humanos que almejam o compromisso económico de produzir riquezas, em busca da prosperidade interna e na gestão de boa-vizinhança.

A fundamentação sobre dilêmbe parte da comparação de: (1) biografia do estadista angolano; (2) episódios de vida política angolana entre 1976-2016; (3) visão económica para a estabilidade política e social de Angola.

A Guerra fria versus Guerra Civil enquanto ordem planetária fez com que haja ausência da soberania e a falta de Estado em Angola: o país nasceu e cresceu com pouco capital humano qualificado. O presidente americano Nixon teria proposto ao seu homólogo português Marcello Caetano o seguinte: “abandone a Guiné, que não interessa a ninguém. Dá-lhes independência. Nós ganharemos tempo e vós, o prestígio. Reforcem a pressão sobre Angola, pois está conosco [...]” (Kuntz, 1975: 71). Essa é a razão da guerra angolana. Voila!

O conteúdo de vários arquivos classificados americanos que consultei certifica quanto Angola serviu de teatro de guerra durante a Guerra fria, no período de 1975-1991 (Guimarães, 1998; Grillo, 1998). Esta é a época embrionária do dilêmbe, especificamente na base da “diplomacia” em busca da integridade simbólica de Angola (territorial, social e cultural). Percebe-se aqui a prioridade da diplomacia, pelo facto de Angola ser reconhecida pela OUA e ONU com realce as habilidades diplomáticas José Eduardo dos Santos em 1976.

Consequentemente, dilêmbe torna-se a “busca de conquista da integridade simbólica através dos princípios da irmandade no respeito do Acordado”. Os arquivos portugueses (Torre do Tombo) e americanos (Universidade Georges Washington) indicam que o presidente José Eduardo dos Santos trabalhou incansavelmente (sic!) em busca dos Acordos que conduziram a Bicesse e Lusaka. Ele fez recurso as arenas favoráveis ao Jonas Savimbi/UNITA, para manifestar a sua “bona vide” nos acordos: (1) Gbadolite/Zaire de Mobutu; (2) Yamousoukrou/Costa de Marfim de Houphoet Boigny; (3) Libreville de Omar Bongo.

Quando Issa Dialo – responsável da missão da ONU – deixou Angola em Dezembro de 1998, havia um pessimismo considerável em relação a Paz. É justamente nessa nebulosidade que José Eduardo dos Santos reforçou a sua visão da paz – dilêmbe – no respeito aos acordos. Quer dizer, dilêmbe implica forças sociais diferentes cuja harmonia assenta-se no respeito do acordado, velando pelo valor humano. Por isso que, mesmo quando aconselhado, o chefe de Estado angolano se interessou a decretar o “estado de guerra”. Deu maior atenção no “valor humano” para construir Angola.

1992-2002 é de facto o período dos sacordos que substanciam o sentido antropológico de dilêmbe. O general Kamorteiro nos revela que o presidente angolano orientou que as conversas preliminares do Memorando de Lwena fossem apenas entre os Angolanos. Sem o saber, este general das FAA

apresenta-nos aqui uma informação valiosa sobre o valor consuetudinário de dilêmbe quanto fonte de harmonia nas sociedades angolanas (khoi khoi, kôngo, lûnda, mbûndu, umbûndu, san, etc.).

A celebração da paz interna para garantir o Estado nacional na base da segurança enquanto visão política do estadista angolano dinamizou-se entre 2002 e 2012 com as eleições de 2008, a Constituição de 2010 e as eleições de 2012. Na minha humilde opinião, são momentos que fortaleceram o plano que José Eduardo dos Santos terá construído para Angola.

Na leitura antropológica dilêmbe busca a paz partindo dos capitais culturais dos integrantes como garantia do bem-estar e a celebração da tranquilidade opera-se a partir do diálogo (cooperativo ou conflictual) das diferenças internas. O valor do trabalho equivale ao bem individual (fecundidade nos lares), que implica capacidade técnica da produção. Para isso. É preciso um aparelho administrativo que gere a prosperidade dos integrantes e a indivisibilidade do território (Exército ao serviço da integridade da nação). Este é o Estado moderno angolano pós-2002 (Parson, 2006), à luz das teorias de Arend Lijphart, Max Weber, Nobert Elias, Georges Burdeau, Adriano Moreira, etc.

Em relação a “fertilidade nos lares”, as estatísticas são interessantes (ver a Revista Qualificar Boletim nº.1 de Janeiro/Março de 2016):

1) Em 1975 Angola tinha 16 escolas técnicas. Actualmente existem 201 escolas técnicas (108 públicas e 93 privadas); existem 102 cursos de formação média técnica em 18 áreas de formação;

2) Áreas de formação com melhor resposta de emprego: construção civil, electricidade, electrónica e Telecomunicações, indústrias extractivas, mecânica, Química e Saúde. 70% dos estudantes prosseguem os estudos no Ensino Superior.

3) A Casa Civil identificou 40 profissões com futuro em quatro sectores: (a) energia e águas; (b) transporte e logística; (c) alimentação e agro-indústria; (d) habitação.

Em relação as Instituições de Ensino Superior e a capacidade de mão-de-obra que lançam no mercado de trabalho, as estatísticas oficiais são:

1) Instituições de Ensino Superior:

- 1975-2002: uma universidade pública apenas; duas universidades privadas
- 2003-2014: seis universidades públicas; onze institutos públicos e quatro escolas superiores públicas;



oito universidades privadas e trinta institutos privados.

2) Evolução do número de bolseiros:

- 1976-1992: (a) internos: 0; (b) externos: 1.291 licenciados; 68 mestres e 105 doutores. Total: 1.464;
- 1993-2002: (a) 0; (b) externos: 1.347 licenciados; 209 mestres; 250 doutores. Total: 1.806;
- 2003-2014: (a) 30.169 licenciados; (b) externos: 5.362 licenciados, 595 mestres e 563 doutores. Total: 6.520.

A tragédia angolana (1975-2002) interrompida pela catarse política manifestada pelos militares em formar a maior força social uno-toda em 2002, perspectivou um romantismo político que devolveu a confiança individual entre os angolanos até a realização das eleições legislativas em 2008. Dois anos mais tarde e à luz da Constituição de 2010 (artigo 21º), as Instituições de Ensino Superior foram dinamizadas para rentabilizar o capital humano, reservando ao Estado o fomento de emprego.

Importa salientar as centralidades em todo o país. Na visão de José Eduardo dos Santos (explicação dada pelo arquitecto André Mingas em 2006), “é urgente e prioritário dar dignidade aos angolanos deslocados da guerra em realojá-los com as condições mínimas. A Baixa de Luanda já não tem condições”. Por isso era necessário criar centralidades, permitindo que qualquer angolano assalariado tivesse condições mínimas na aquisição de casa para habitar. Além de eliminar as sequelas da guerra, a urbedestas centralidades dá maior visibilidade em relação ao polis (Estado moderno).

O novo edifício da Assembleia Nacional simboliza a dignificação que se dá à democracia. A sua imponência reflecte a qualidade que os deputados devem dar.

Conclusão

Dilêmbavele pelo Estado íntegro (espírito da terra) com projecção da Paz construída na base do concerto das diferentes forças sociais, na maximização do capital humano que determina a prosperidade de cada cidadão (fecundidade nos lares). A originalidade deste pensamento político situa-se no contexto histórico (1979-2012) e espacial (África em chamas), sobretudo quando se sabe que estes ganhos foram endógenos e apenas entre 2002-2016. Isto é, há maior interesse em procurar estudar as heranças simbólicas que José Eduardo dos Santos legara para 3ª república de Angola. Precisa-se de conservar a soberania, rentabilizar a paz e maximizar a democracia e o desenvolvimento social através de emprego. Na óptica de estudo sobre as “Figuras Históricas”, penso abordar esse debate junto dos meus estudantes neste ano académico.

Aprendemos a História para não repetir os erros passados e melhora futuro. Debater cientificamente sobre dilêmbesignifica tomar consciência da História de Angola e das responsabilidades que os Angolanos têm para salvar a sua soberania, a sua paz, a sua democracia e a prosperidade nos lares.

Bibliografia

- GRILLO, R.D. 1998, *Pluralism and the Politics of Difference: State, Culture, and Ethnicity in Comparative Perspective*, Oxford: Clarendon Press
- GUIMARÃES, F.A. 1998, *The origin of Angola Civil War: Foreign interventions and domestic politic Conflict*, Londres: MacMillan Press
- KUNTZ, L., 1975, *Les fusils et les urnes*, Paris: Editions Denoel
- PARREIRA, A. 2015, *Dicionário de etnologia angolana*, Porto: Porto editora
- PARSON, I. 2006, *War and the forma-*



tion of State in Angola: Extraversion from the pre-colonial period to post-Independence, Londres: London School of Economics

RIIBAS, O., 2014, *Dicionário dos regionalismos angolanos*, Luanda: FenaCult

SHUBIN, V. G., 2008, *The Hot Cold War The USSR in Southern Africa*, London: Pluto Press



KIANDA: A CARA DESTA CIDADE DE LUANDA



TOMÁS QUETA
AGUARELAS
DE ZÉLIA FERREIRA

Foi no mês de Janeiro que atribuladamente nos meandros de 1575, Paulo Dias de Novais atracava as margens da cidade de “Luanda” uma confluência que na altura sob domínio do Mani do Soyo. Daqui pra-lá da história, Luanda, hoje o centro político e Administrativo da República de Angola. Falar de Luanda é falar do mundo, se calhar muita gente diz que não melhorou nos seus objectivos plasmado como uma metrópole, mais, de certeza exige de cada um de nós mas sensibilização, constituindo toda uma artéria um pouco que qualquer de nós os cidadãos ou turistas.

Kianda, a cara desta cidade Luanda! Somos nós “todos” a nossa casa comum onde podemos gritar bem alto como as ondas do mar da ilha do Cabo (a nossa causa comum). Ainda a quem diz que a nossa Luanda é retalho das nossas vidas, visto estarmos a viver um momento de paz, um sistema de mentalização das mentes no que concerne a modernização, assim diz, o músico Yanick Afromam, a mentalidade! Então há um debate sério para um processo implacável que nos reustara a problemática sobre a criminalidade e os efeitos nocivos de bebidas alcoólicas que vagueia as nossas ruas quando assunto é festa rija.

Segundo o prelo de um cartoonista a cristalização da periferia á urbanização ainda descarta uma discussão daquelas, mas a bom nível, onde a própria beleza ainda encanta o universo da minha Luanda.

Minha Luanda! Luanda pérola de amor Com o sol aberto tudo que ela encanta me tenho dado em propicio amor Luanda pérola de amor a cisma aventura de uma civilização Luanda pérola de amor! De mulheres nuas ao sol navegando as praias duma ilusão profunda

Luanda pérola de amor quando brilha radiosa no mundo não tem igual Luanda igual aqui não existe...

Luanda também é vista como paixão das oportunidades, é aqui que no tempo do “kibulo” nas zonas rurais ou nos centros urbanos do país eram atacadas por forças irregulares ou até então rebeldes e os nossos familiares viam buscar aqui o refugio a esta pacata cidade a sul do litoral norte de Angola.

Segundo relatos encontrados na antologia (portugalidade) com o título (Nós Somos Nós Todos), coordenado



Baleizão

pelo professor do ensino geral, António Simões, diz: para estabelecer relações entre a Coroa portuguesa e o potentado angolano, indicado então a missão á Paulo Dias de Novais, pela Dona Catarina, viúva de Dom João III. Partindo de Lisboa a 22 de Dezembro de 1559, a sua frota tocou em Cabo-verde e São-Tomé antes de atingir a foz do Kuanza, em Março do ano seguinte.

O grande patrono da cidade de Assunção de Luanda, hoje Luanda, de todos nós angolanos, mas que tem os seus povos naturais, quer seja (os de Luanda) e assim (os Kaluandas) ou como referem os historiadores (os Axiluandas) uma tribo ou grupo linguístico predominante dos Bakongos do Soyo e os Ambundos das margens do rio Kwanza, o grande rio de Angola que dá nome a nossa moeda nacional.

Kianda! Então kianda um canto a sereia, que emociona-se o meu coral na voz de Filipe Mukenga, e se for assim, cimentar-lhe o espírito como tunja e arregaçalhes as mangas como pescador da ilha com um cabo a rede traz-lhes o peixe ao cabo da ilha aí na velha Barracuda (o nosso ponto final) que diz o kota Eduardo Paím nas suas passadas com a Rosa baila.

No decorrer e correr melódico de Carlos Buriti está o Pombal de Amor que a nossa ilha de Luanda, oferece.

Oh Quianda! Quiandina teu olhar exemplaridade

Uterina onde a cafeína anti-discursiva a solta bamboleando

A leitura corporal

O êxtase das ondas como se o teu rosto mergulham-se um conto

De Lurdes Van-Dúnen, um recital de Kanguimbo Ananás, uma crónica da vida e os mambos da banda com um Mahézu do Carmo Neto e então íamos (se fossemos) visitar de gentes do meu bairro na prosa poética de Jorge Macedo á minha avó vai (iria) gostar, só depois, embriagar-me-ei de uma chuva poética de Manuel Rui na minha

bandeira viva Ngola e de contos de feitiçeiros traria a oratura histórica de um extracto de Luís Mendonça sobre Óscar Ribas, com os hábitos e costumes, bem como os modus vivendi dos habitantes desta cidade linda como musicou Dionísio Rocha.

Luanda a cidade que vive em nós...

Dos poetas

Dos escultores

Dos políticos

Dos cantores

Dos jogadores

Dos trabalhadores

Dos pescadores e operários

No amanhecer da zungueira vive a tua voz de cidadania nossa Luanda. Na entrevista ao político está a informação em tempo real nossa Luanda.

É só em Luanda um agreste que se viu esforçado a construir como um pólo atractivo das cidades e prova disto a nossa República de Angola, também se pode imortalizar-se por várias pistas de danças “a palavra e seus ritmos retumbados numas passadas de sábado á maneira numa noite maneira com kilapis nos bolsos.

O silêncio aqui não reina, aqui reina tranquilidade, e o agente da ordem fazedor da segurança está aqui, está lá e ali até aos confins das fronteiras.

Aiué! Luanda. Quando te conheci no meu bairro Sambizanga, Rangel, Maianga, Samba, Viana, Ingombota, Kilamba-Kiayi, Cacucaco e Cazenga tivera eu nascido em 1975, e Luanda, registava-se com (399) anos de existência como das mais linda cidade e dos burgos da África ocidental. Hoje, neste Janeiro que também é meu aniversário, Luanda, a cidade que me viu nascer e crescer completa (442) anos e eu (42) anos de vida.

Falando de Luanda é falar dos nos kotas, das nossas gentes que circunda o nosso musseque (o local vital da nossa infância, o nosso subúrbio, ainda a realeza da nossa gente do local urbano onde a vida é sintética cidade de

edifícios altos e cinemas que outrora já deu que falar). Luanda lua que anda e de pessoas divertidas, sorridentes como de costumes os africanos são apelidados de gentes acolhedoras.

A cidade de Luanda que no dia 25 de Janeiro, completa 442 temporadas de existência tem no seu historial, uma outra lenda portuguesa, que se embauteu para sua conquista, como assim o apelidaram de “Restaurador de Angola” depois de Paulo Dias de Novais, Salvador Correia de Sá que a 12 de Maio de 1648, formou a grande armada, partindo do Rio de Janeiro (Brasil) com 1200 mil homens atracou em (Quicombo) com objectivo de construir um Forte e ter acesso a comunicação entre os povos de Massangano, objectivo específico retirar a ocupação Holandesa dos territórios de Angola (Luanda) então embarcou até acima do Forte do Penedo e avisou aos ocupantes na altura a sua vinda.

Segundo a história a (15 de Agosto de 1648) Salvador Correia de Sá lançou o perigoso e decisivo assalto na conquista da cidade de Luanda, dia este da Assunção de Nossa Senhora, obrigando os holandês abandonarem, sem quase dispararem um tiro, e assim ficou a sua notável vitória de si uma lembrança tão viva na memória dos povos que, de ano em ano, uma grande festa de acção de graças se vem celebrando na capital desta província, desde então chamada de São-Paulo da Assunção de Luanda (in antologia portugalidade nós somos todos nós, p108-112).

Oh Luanda! Perdoa-me por seres a mãe que me viu nascer e crescer por aqui, onde todos andam, amam Luanda como luandino, até acordam com um conto na boca outrora um canto de duo Canhonto é Lambula, Lambulê, Lambulê, olha Tangerina, Manga, manguinha doce negra doçura chega na mãe dos gingongos dá sorte de nascer denguelândia e ouvir discolândia á sexta-feira, com Afonso Quintas no Comando da cidade a noite explosão total. O kaluanda pio, o ritmo de uma geração criança, a poeira na rádio também tem forma de quintal, quando solta-se radiante ao domingo de manhã o nosso Sebastião Lino, alusão a Luanda chega a mutamba com kambas vamos bazar a marginal com ruças da banda e se o Fançoni ficar o Ruca Van-Dúnen é a solução.

Oh Luanda! Eu te pertenço. Neste passo de sangazuza e de leitor-ator-autor, por cá escrevi minha Luanda da (Geografia Magica da Kianda) da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (Angola) e o sabor condimentado numa kibeba da mamã Kuiba, saité a disbunar na flor da pele onde o artista e o pescador formam uma criação livre no mar navegado e namorado.

Ainda minha Luanda és o encanto da rebita da ilha, tais como o kabocomeu do Sambizanga, do União 54 do Golfe, do União Mundo da Ilha, do Pro-

gresso do Sambizanga, dos Jovens do Prenda artífices do Semba da terra, pra não falar do Bonga Kuenda no tempo do pioneiro Zeca do Marçal, do Petro de Luanda, do Benfica de Luanda no soar do apito na Catedral da Cidadela onde a bola rola Angola.

-isto tudo são mambos da banda madíê!

Já na ressaca do seu aniversário minha Luanda querida e eterna mãe escrevo-te minha cidade da quianda. O telemóvel tocou! Parei, pensei, quem será a pessoa deste artigo sobre Luanda, senão os naturais e amigos de província de Luanda. Afinal o mercado Roque Santeiro eram um padroeiro por essas bandas albergando todo um aparato informal por Luanda a céu aberto, todo mundo vendia, ganhava e detinha de tudo um pouco que gostasse (eram na altura a maior empresa da Angola) vem conosco filho e irmãos desta urbe Luanda rezemos por ela a mãe Quianda a nossa deusa lírica de encanto comum

que é a nossa casa comum ou a nossa causa comum entre aparição e aproximação ela é a nossa "Nguimbi".

João Tomás Queta Bandula nasceu em Luanda aos 13 de Janeiro de 1975, no Município do Sambizanga.

Tomás Queta é membro da Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), desde 2000. Em 2004 fez parte de uma antologia poética com o título GEOGRAFIA MÁGICA DA KIANDA. É membro da Polícia Nacional colocado no Gabinete de Comunicação e Imagem, com a categoria de Jornalista (repórter) na Revista Tranquilidade, órgão de Informação e Cultura do Comando Geral da Polícia Nacional.

É Compositor de letras de canções desde 1992.

Tomás é finalista do Curso de Ciências Económicas e Jurídicas, no Complexo Escolar "O Pensador do Futuro", situado na estrada do Camama.



Luanda, a metrópole

O ÓBITO TRADICIONAL NA REGIÃO DE CAXITO, PROVÍNCIA DO BENGO

(ESBOÇO DE UM ESTUDO DE ANTROPOLOGIA CULTURAL)

O desaparecimento de um chefe ou de uma chefe de família sempre trouxe consequências grave no seio da família e da comunidade. O óbito carrega sempre despesas e tristezas profundas, apanhando de surpresa a família e conhecidos do defunto. Mas sempre que tal ocorre, cabe aos irmãos dest(e)a, isto é, aos tios, dirigir todo esse processo. Os sobrinhos devem respeitar as instruções dos tios. Eles traçam todos os programas para que o funeral seja condigno e, seguramente, da melhor maneira possível sem quaisquer sobressaltos de maior. Se os tios não tiverem capacidade financeira suficiente para a aquisição do caixão e doutras despesas, orientam os filhos do defunto e outros sobrinhos para que organizem o funeral. Os outros contribuem com o que puderem ou tiverem, in-

cluindo animais, comida e bebida (como o maluvo), lenha para a cozinha e para a fogueira ao serão. A água é acarretada muito cedo. O banho é tomado no rio Dande, na lagoa ou mesmo na casa de um parente próximo. Naquele momento de dor e de tristeza todos ficam imbuídos de muita fraternidade e irmandade. Os luandos e as esteiras transformam-se em cama de dormir e, muitas vezes, em mesas de refeições para que todos possam atendidos e acomodados de dia e de noite. A kanjika, o feijão de óleo de palma, o caldo de peixe cozido, o bagre defumado e o cacusso, a batata-doce, a kizaka, a mandioca, a banana pão, a abóbora e outras ementas fazem as honras da casa; aguardente de qualidade e caseiro, o quimbombo, entre outras bebidas. A residência e o quintal ficam apinhados

de gente. A rádio-cassete faz-se sempre presente para animar os participantes. Canções religiosas vão fazendo reviver a esperança de continuar a viver à superfície da terra embora com adversidade a mistura.

Ritual de paz

O óbito tem a duração de três ou de quatro semanas seguindo-se as CINZAS onde são sacrificados animais como porcos ou cabras, traduzindo-se num ritual de paz e de descanso para com as almas do defunto. Por outro lado, caso haja interesse dos tios ou dos filhos são organizadas MISSAS antes ou depois das CINZAS para que toda a família e os filhos do defunto vivam em harmonia e cordialidade, dando-se mutuamente deixando-os felizes à superfície da terra sem espírito malig-



MARCELINO QUETA

no para destruir os laços familiares e de parentesco. Se o marido falecer e deixar a sua esposa com uma criança de tenra idade, ela deverá cuidar da mesma até à adolescência e apenas mais tarde poderá arranjar outro esposo. A herança deixada pelos pais pertence automaticamente aos filhos que, com a orientação dos tios, é distribuída racionalmente cabendo, como de direito, a cada um a sua parte. Até a habitação deixada pelos defuntos cabe aos tios decidirem se a vendem ou arrendam-na sempre que os sobrinhos forem ainda menores, havendo sempre um meio-termo de modo a fazer com que os menores não sofram tanto. Entretanto, hoje em dia, as famílias dificilmente se visitam para trocarem impressões e conversarem sobre as suas vidas provocando, abruptamente, atitudes negativas ao relacionamento familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Semanário O CONTINENTE: pág. 26. Ano 3/Nº 163. Luanda: Outubro de 2013.



PRIMO NARCISO

(II parte)

CONTO DE ANTÓNIO FONSECA



Caía a tarde quando Mavakala regressava à sua sanzala. Não ia alegre propriamente, mas ia com a convicção de que não veria os seus filhos requisitados para o trabalho nas estradas, nas fazendas dos colonos e muito menos os veria amarrados numa corda e levados para os cafezais, cantando nós mesmos urdimos a corda e nós mesmos vamos nela amarrados (2), tal como vira inúmeras vezes quando chegava a época da poda dos cafeeiros e começavam as rusgas de homens robustos que depois eram repartidos pelas fazendas. Lembrava-se ele que nessas ocasiões o soba tinha que arranjar uma moça para passar a noite com o Chefe e tinha que abater um cabrito ou um porco para alimentação do referido chefe e dos seus sipaios. Os que fossem apanhados para o contrato tinham de fazer as próprias cordas em que seriam amarrados.

Narciso ficara pois entregue aos cuidados do Sô Rui. Nessa noite foi-lhe entregue um pequeno colchão enchido de palha de milho, um cobertor e foi-lhe indicado um dos cantos do armazém do estabelecimento, onde passaria a dormir. O estabelecimento, como pomposamente o Sô Rui lhe chamava, era uma espécie de loja onde se vendia de tudo um pouco, do petróleo ao sabão, passando pelo azeite de palma, ao mesmo tempo que era barbearia e taberna, onde, enquanto uns cortavam o cabelo e a barba, outros bebericavam um copo de vinho tinto ou uma cerveja, acompanhado de peixe frito com molho de escabeche, uma salada de alface ou de tomate vindos da horta ali ao lado, ou apreciavam iscas de algum animal de caça.

No dia seguinte, logo pela manhã, o Sô Rui chamou o petiz:

– Narciso...

– Padrinho – respondeu-lhe o rapaz.

– Aqui não é como lá no mato. Aqui tira-se a água nisto – e indicava-lhe a torneira. – O banho, vais ali e abres aquela coisa que se chama torneira, e pões-te lá em baixo. O padrinho falava com gestos para que o Narciso melhor o pudesse entender. – Depois vais ali, à capoeira, e abres. Deixas as galinhas e os patos saírem para o quintal e dás-lhes o milho. À tarde faz entrar todas as galinhas e os patos. Aqui, mesmo a galinha de criação dorme na capoeira. Não é no canto da sala. Depois varres o estabelecimento e matabichas na mesa que está lá no quintal.

Haviam passado já vários anos desde que Narciso fora entregue aos cuidados do Sô Rui. O rapaz já havia sido baptizado, falava português que nem água; com o padrinho aprendera a ser barbeiro e também bom cozinheiro. Comia à mesa com garfo e faca, sem atrapalhação. Gozava de grande simpatia no meio e era mesmo tido como “um preto com alma de branco”. Tinha pois todas as condições para ser um assimilado, até porque também aprendera a ler. Não admira pois que, quando alcançou os seus dezoito anos, a mando do padrinho, por punho próprio tivesse feito e entregue o seu requerimento para ser considerado um assimilado e, por conseguinte, um cidadão português. Tendo no verso do requerimento o Padrinho, Rui e o Senhor Mouzinho atestado que o rapaz estava educado de acordo com os ditames da “civilização” e tendo o Chefe de Posto que bem o conhecia atestado que o rapaz reunia os requisitos para ser um cidadão, alguns meses depois, por despacho favorável do Governador do Distrito, pôde Narciso obter o seu Bilhete de Identidade. E daí, num belo dia pela manhã, o rapaz pediu ao padrinho que lhe permitisse ir visitar a sua antiga sanzala para mostrar aos demais como era ser um assimilado, um cidadão. Com a anuência do padrinho preparou a viagem e lá partiu.

Vestia um fato de sarja branca e à cabeça levava um boné da mesma cor, daqueles que os comunistas e os mais velhos gostam. Ao peito levava atravessada uma corrente prateada com um relógio na extremidade que lhe entrava pelo bolso da calça. No guiador da bicicleta levava suspenso um rádio a pilhas enquanto no selim levava um garrafão de capacete, ou seja, um garrafão de vinho tinto selado com gesso no gargalo, o que atestava não ter havido qualquer adulteração do produto. Era pois vinho autêntico, vinho que não tinha sido “baptizado”, como frequentemente acontecia com o vinho das pipas.

Andara cerca de três horas, quando entrou no povo. Prontamente os mais velhos foram avisados para receber o filho que regressava. E no local, no centro da vida da comunidade, no lugar onde sentam os mais velhos e os miúdos aprendem a escutar, com as mãos em concha, batendo-as três vezes, falando na língua da terra, Narciso pediu a palavra e apresentou o que levava. E os mais velhos agradeceram o gesto e o respeito e consideraram que o Narciso se lembrara que as orelhas não crescem mais do que a cabeça e que um mais no-

vo, por muito rico que seja, ainda não rasgou a roupa que um velho já rasgou.

Terminado o encontro, enquanto os mais velhos permaneciam no jango, Narciso juntou-se aos seus contemporâneos que bebericavam uma cabaça de malavu. Claro, com ele insistiram para que provasse pelo menos um bocadinho. Depois de uma primeira hesitação, Narciso lá bebeu meia caneca do doce e saboroso malavu. Depois mais meia e, caneca aqui, caneca ali, entre todos, lá se foram umas quantas cabaças. Deveriam ser umas quatro da tarde quando, como é frequente depois das pessoas regressarem das lavras, a batucada começou e... o Narciso não resistiu ao apelo das origens. Pegou num pano, enrolou-o à cintura, fê-lo descair sobre a mbunda e entrou no frenesim da dança.

Devia passar meia hora quando a aldeia de repente se silenciou e o Narciso se quedou no meio da roda a tentar perceber o que se passava. A alguns metros estava o Chefe de Posto acompanhado do Administrador que, de visita, andava a conhecer as sanzalas onde já havia assimilados e perguntava aos sipaios que os acompanhavam se aquele que ali estava no meio da roda não era o Narciso.

– Sim, Sô Chefe, é o Narciso.

– Vai chamá-lo.

– Sim, Sô Chefe.

Perante o Chefe de Posto e o Administrador, Narciso tentava explicar que apenas procurava corresponder às boas vindas que lhe eram dadas através da batucada, conforme o costume, mas o Chefe do Posto não queria saber:

– Passa para cá o Bilhete de Identidade... passa para cá...

– Sô Chefe eu só estava...

– Passa para cá o Bilhete de Identidade...

– Sô Chefe eu só estava...

E foi assim que Narciso foi amarrado e levado. Ficou sem o Bilhete de Identidade; perdeu a sua condição de assimilado e voltou a ser indígena. Como castigo, foi deportado para uma fazenda da região de Nambuungongo e nunca mais se soube dele. Alguns admitiram mesmo que tivesse fugido para o Congo, de onde já sopravam ventos revolucionários e independentistas, porém, a verdade era outra.

(Continua no próximo número)



A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO

Nº 10

Desenhos e Artes finais: GILDO PIMENTEL
(Adaptado da história de Lito Silva)

ANA NTUMBA



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PARADA dos **KANDENGUES**
Sisma Comics
www.sismacomics.com

A PUBLICAÇÃO DA GAROTADA
A 18 ANOS
DESFILANDO ALEGRIA



KZ 500,00

NÚMERO 25.

COM A HISTÓRIA **PARADA JURÁSSICA**

VOCÊ PODE COMPRAR NOS SEGUINTE LOCALS:

- BAZAR SEDUÇÃO
- LIVRARIA MENSAGEM
- DISTRIBUIDORA AFRICANA
- INIC
- COLÉGIO AFRICANO
- COLÉGIO KAALI
- COLÉGIO JOAQUIM MENDES
- COLÉGIO ALBERT EINSTEIN
- COLÉGIO JÚLIO VERNE
- SUPERMERCADO GOURMET
- LOJA PALMAS
- MADE IN ANGOLA
- BARBEARIA MAIANGA